

Partindo do ponto em que psicanálise e política se imbricam, Marcelo e Maren Viñar, psicanalistas uruguaios que viveram 15 anos na França, registram de um lado a memória de uma História, e de outro pensam a clínica possível para aquelas pessoas que, torturadas e exiladas, viveram situações-limite de extrema violência.

Maren nos conta das crianças que atendeu em seu consultório, que sofriam a influência do medo provocado pela perseguição e pela possibilidade real de desaparecimento de seus pais. Muito precocemente estas crianças já se apresentavam dissimuladas na expressão de seus sentimentos e em suas atitudes. Marcelo conta dos torturados, possivelmente destes mesmos pais de família, desaparecidos, arrancados do seio familiar, desvelando histórias que ocorriam nos calabouços das prisões, numa realidade impregnada de terror e destruição, em que passavam a ser objeto de sofisticadas técnicas de tortura e iniquidade por parte dos torturadores.

Os autores pensam estas histórias da dupla dimensão da Psicologia Social e Coletiva, e do destino individual de cada um. Ambas dizem de marcas definitivas e de seus destinos, tanto em relação à pátria quanto aos indivíduos.

Não se trata de um livro teórico de psicanálise. Mas é muito interessante partilhar de sua forma de investigar e tentar compreender por onde, e de que forma, acontecem os desfechos, as saídas possíveis destas vivências. Mais do que descrever ou inter-

Criar Raízes

Resenha de Marcelo e Maren Viñar, Exílio e Tortura, São Paulo, Escuta, 1992, 154 p.

pretar, o conhecimento psicanalítico é utilizado para buscar entender, por exemplo, a relação do torturado com seu corpo, com sua memória, em uma analogia do que seria a alucinação ou a formação do delírio na psicose.

Os personagens vão surgindo, se formando e se transformando em descrições muito ricas e densas, tanto do ponto de vista da realidade factual, quanto das surpreendentes possibilidades que o psiquismo humano oferece na busca da garantia da sobrevivência ou quando restou a possibilidade de refazer a vida.

Através de dois relatos centrais, Marcelo desvela o horror da tortura, a dialética entre o reconhecimento e a denegação, o conflito entre os fantasmas de herói e fracassado, a desorganização interna causada pela dor física provocada no corpo (que é nosso continente possível de ser). Fala da ruptura e fala também do renascimento.

O cuidado e a seriedade marcam a forma de conduzir e pensar as histórias.

Neste percurso, o autor aborda problemas importantes, marcando diferenças significativas entre o trauma sexual e o traumatismo provocado por experiências políticas.

Essas reflexões impõem uma interrogação à escuta do analista: não é preciso ter todos os dados sobre a vida do paciente,

nem devemos interpretar tudo na ordem dos mecanismos de defesa. A confissão não é o objetivo. Algo muito forte e poderoso se interpõe entre a situação atual e as possíveis conseqüências do desenvolvimento psicosssexual do paciente. São questões que ultrapassam o setting analítico. Muitas vezes é preciso considerar um "Social" que está doente antes do sujeito, e engloba também o próprio analista. Tal traumatismo atinge o sujeito numa subjetividade já adquirida.

Marcelo sublinha ainda o risco do analista tornar-se um voyeur, levado pela curiosidade de querer saber, querer ouvir, fscinado pelo terror.

O tema do exílio deixa a impressão de que, a partir de um marco que separa um antes e um depois (que acontecem simultaneamente), abre-se um espaço que será ocupado pela dor nostálgica do familiar perdido, das ilusões e projetos abortados, do abandono das raízes, com a culpa muitas vezes insuportável de estar livre e poder viver. Por outro lado, o recém-chegado vai ocupar-se com a descoberta do lugar "escolhido", que lhe é estranho mas guarda o enigma do desco-

nhecido. São cheiros, cores, arquitetura e uma história de um outro lugar. Também quem chegou tem seu enigma a revelar. Deixou seu país obrigado, e, por isso, é visto com simpatia por seu heroísmo. Depois de algum tempo, tem que se haver com a garantia da subsistência própria e dos seus, entrar em contato com a realidade da adaptação ao não-familiar. São longos períodos de convívio estreito com ambigüidades. Uma tentativa sem fim de buscar identificar-se, e ao mesmo tempo tolerar as diferenças. Só assim é possível criar raízes.

Quando isto acontece, é esta mesma vivência, calcada na dor, que pode transformar-se na possibilidade de re-significar a vida, de abrir um espaço para alguma alternativa de elaboração.

Exílio e Tortura é um livro que deixa marcas: o leitor não escapa ileso.

Rubia Mara Santos do Nascimento

Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.